
A FORMAÇÃO DO PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS NO RIO GRANDE DO SUL

Entrevista com Regina Zilberman

Vamos começar nossa conversa com suas informações biográficas. A senhora nasceu onde? Qual a origem de seus pais e o que eles faziam? Qual a importância deles para a sua formação?

Eu nasci em Porto Alegre. Meus pais eram porto-alegrenses também. O meu pai fez curso superior, mas ele trabalhou como comerciante. Minha mãe era do lar, mas ela era uma grande leitora e a família da minha mãe, e do meu pai também, eram pessoas muito ligadas em leitura, livros. Eu acho que isso teve uma influência grande. A influência familiar foi importante, não sei se é por aí que vai a tua pergunta, mas...

Esse ambiente familiar colaborou para sua definição profissional?

Não. A minha definição profissional... na realidade, eu fiz o Curso Científico porque ia fazer Medicina, depois eu ia fazer Ciências Sociais e na hora de me inscrever no vestibular é que eu decidi por Letras.

Fez toda uma preparação para...

É, eu ia fazer Medicina "toda vida". Meu pai achava que seria ótimo, mas na hora de me inscrever eu senti que o que eu queria era Letras, então, tu vê que foi muito espontânea a escolha.

E sua formação escolar, primário, ginásio, etc?

Fiz o Curso Primário numa escola do estado, chamava-se grupo escolar naquela época. Depois eu fui para o Colégio Israelita Brasileiro, onde fiz o Ginásio e o Colegial. Então eu estudei em escola particular, de comunidade, em função das minhas origens étnicas. Depois fiz a faculdade, o Curso de Letras na Faculdade de Filosofia. A Federal separou os cursos da Filosofia, nos anos 70, um pouco depois que eu me formei. Então, Letras era um curso dentre os outros cursos da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em que ano a senhora ingressou no curso de Letras e como era o curso nessa época?

Bom, eu fiz vestibular em 67. Eu comecei o Curso de Letras em 67 (67, 68, 69 e 70). O período pelas datas dá para perceber que foi um período muito difícil. A Faculdade de Filosofia da Federal foi uma das mais atingidas entre 65 e 70 pelos expurgos. Letras, em 67, ainda não tinha sido tão atingida quanto a Filosofia que tinha perdido muitos professores. Em 68 nós tivemos um movimento de greve, que foi um movimento forte e, em 69, houve um expurgo de um grupo enorme de professores. Então o nosso curso acabou sendo um curso... do ponto de vista político, interessante, porque foi um período de muita passeata, muita greve, muita agitação que depois só veio acontecer com alunos nos anos 90. Teve greve de professor, mas de aluno é uma coisa mais recente, bem mais recente. O curso ficou muito prejudicado, porque nós fomos perdendo professores enquanto estudávamos. Acho que as turmas que vieram depois ainda foram mais prejudicadas, porque os professores que saíram foram os que chegaram a me dar aula. O Angelo Ricci, por exemplo, tinha sido diretor da Faculdade, o professor Dionísio Toledo, o professor Gerd Bornheim, todos foram meus professores, mas nos anos subseqüentes eles ficaram fora. Alguns nunca voltaram. O Dionísio ficou em Paris, onde está até hoje, e outros foram voltando, mas muito menos. A professora Maria da Glória foi contemporânea minha e voltou, mas aí foi bem depois. Então, do ponto de vista, vamos dizer assim, intelectual foi interessante pela politização, mas do ponto da aprendizagem ficou meio complicado. Havia também... de repente sumiam colegas, aquela coisa, período também de perseguição política.

De quem a senhora mais recorda na Universidade?

Da Universidade... um professor que marcou muito foi o Dionísio Toledo, embora ele tenha ido embora em 69, um pouco antes da minha turma formar-se. O pessoal que fez vestibular em torno de 65, teve, por exemplo, o professor Angelo Ricci mas o Ricci virou diretor e parou de dar aula e aí o Dionísio assumiu. E ele, em 67, 68, foi um professor extremamente ativo. Ele promoveu, por exemplo, traduções de autores estrangeiros para o português. Aquela edição

da Teoria da Literatura dos Formalistas Russos², que eu fiz com meus colegas, foi um texto que teve uma enorme repercussão no Ensino Superior. Enfim, eu acho que foi um professor muito marcante. Depois, mais tarde, a partir do 3º ano da Faculdade, o professor Flávio Loureiro Chaves também foi muito ativo, foi muito importante. Na área da Literatura Brasileira, o Guilhermino César era um homem muito marcante para os alunos, mas ele não chegou a ser meu professor. Naquele período em que eu fiz as disciplinas que ele teria dado, ele estava no exterior e o Flávio assumiu. Foi muito bom professor e também contava com o apoio dos alunos. Se um aluno se destacava, tinha interesse, eles davam muito prestígio. Nós então trabalhávamos junto com o professor.

De todos os professores do curso de Letras, qual foi o mais importante, qual o que mais marcou a sua vida universitária? A senhora poderia falar de seus "mestres" do tempo de estudante na Universidade e fora dela?

Eu acho que aqui em Porto Alegre, realmente, talvez fossem esses os mais destacados naquele momento. O curso de Letras na época, tinha muito aqueles professores medalhões, titulares, que estavam um pouco parados. Quer dizer, eles já não estudavam, não se preocupavam muito. E nós também éramos muito jovens e às vezes não sabíamos exatamente o que tirar de proveito de um professor como o Elpídeo Paes, por exemplo. Ele era um professor de Latim, grande conhecedor de Latim, da Literatura Latina, mas nós estávamos com a cabeça muito voltada para esse lado político, então não dávamos o devido peso. E professores que estavam começando a carreira, eu acho que com esses nós nos identificávamos mais. É o caso Dionísio, é o caso do Flávio, a Tânia Carvalhal estava começando, mas ela estava mais no Francês, então eu tive pouco contato nessa época. Mas eram os professores jovens que nos interessavam mais, até por uma questão de geração.

O curso de Letras, principalmente naquela época, era voltado para a formação de professores. Como surgiram apoio e

² TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). **Teoria da Literatura**: formalistas russos/ Eikhenbaun... et al. Porto Alegre: Globo, 1971.

iniciativas voltadas para a pesquisa? Já fazia parte de seus objetivos, nessa época, trabalhar na universidade?

Sim. O que não se tinha, na época, é uma política, vamos dizer assim, uma política de formação de recursos humanos do Ministério de Educação, Ciência e Tecnologia. Isso acontece só depois dos anos oitenta. O que se tinha no final dos anos sessenta era um incentivo. Em termos de bolsas de iniciação científica, monitoria, isso não se tinha. Mas os professores que tinham à sua disposição recursos, preocupavam-se com a formação de pesquisadores, seja dando tarefas de tradução, tarefas de monitoria em aula, tarefas de registros, assim nós preparávamos textos para as outras turmas que vinham mais atrás. Então, na realidade, formavam-se pesquisadores, inclusive na forma mais, vou chamar, mais informal, menos apoiada com políticas de incentivo. Havia uma formação de pesquisadores ao lado dessa formação de professores de 1º grau, 1º e 2º graus. Mas nós tínhamos um grupo³ que realmente eu acho que já estava com a cabeça voltada para depois fazer pós-graduação e atuar no 3º grau.

Qual a sua formação após a graduação? A decisão de fazer pós-graduação surgiu ao longo da graduação ou foi somente depois de terminá-la?

Eu terminei meu curso no final de 1970. Naquela época, não tinha pós-graduação em Porto Alegre. Não tinha nenhum curso de pós-graduação. O da PUC começou, nesse ano, 71, por aí, mas muito incipiente⁴. A minha idéia na ocasião foi fazer na USP. Bom, mas, nesse ínterim, aconteceram algumas coisas bastante ruins. A pior foi que todas as pessoas com quem eu tinha contato estavam saindo do país. Quer dizer, estava todo mundo sendo, de uma certa forma, expurgado. Então nós ficamos muito sozinhos, ou eu ficava

³ Grupo formado no último ano do curso de Letras, compunha-se das seguintes pessoas, basicamente: Maria da Glória Bordini, Luiz Arthur Nunes, Ana Mariza Filipouski e eu. Participou, logo no começo, a Maria Helena Martins; e, em 1972, a Maria Luíza Armando. Organizamos alguns números do então atuante "Caderno de Sábado", de que resultou o livro "João Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira", publicado pelo IEL e pela Ed. Movimento em 1973. (Nota fornecida posteriormente pela entrevistada).

⁴ Mestrado: Programa criado pelo Conselho Universitário - em reunião ordinária de 30 de novembro de 1968. Doutorado: Programa criado pelo Conselho Universitário - Ata nº 02/77 em 27 de abril de 1977. (Fonte: <http://www.pucrs.br/adm/prppg/stricto.htm#letras>)

sozinha aqui ou ia para a Europa, não é? E eu decidi que faria no exterior, porque teria um ambiente cultural melhor. No Brasil, 71-72, eram anos muito pesados, quer dizer, fala-se em Anos de Chumbo. Era chumbo mesmo, porque tu não tinhas liberdade: de fazer um comício, de escrever... Não, tu tinhas medo do teu colega de trabalho, porque era um clima: as pessoas, não é que uma perseguisse a outra, não tinha isso, não é que as pessoas ficassem tentando prejudicar os colegas, mas tu não sabias exatamente o que o outro pensava. Eu trabalhava na ocasião, depois que eu me formei, no Colégio Israelita, que era uma espécie de reduto de pessoas que estavam preocupadas em fazer um ensino avançado e tentar romper com essa barreira de silêncio. Mesmo assim, o próprio Colégio já tinha passado por um expurgo interno de alguns professores. O Ruy Carlos Ostermann tinha saído na época. Quando eu comecei, ele já tinha saído. Então tudo isso determinava aquele clima pesado e tu concluías: no Brasil não dá. Eu pelo menos: no Brasil não vai dar. Surgiu a oportunidade de irmos para a Alemanha. Eu fui com o meu marido e comecei a fazer o Doutorado em 73: o ano em que começou a pós-graduação na UFRGS, a da PUC tinha 1 ano ou 2. A minha circulação, até eu terminar o Doutorado, era toda em função da Federal, então a PUC era uma coisa meio distante.

E o tema do doutorado surgiu de que maneira? Quem foi seu orientador?

O tema da minha tese surgiu, e é interessante, a partir das aulas do Flávio Loureiro Chaves, que foi meu professor de Literatura. Eu tinha feito uma monografia, trabalhando com essa questão da presença do mito na Literatura e ele tinha apoiado, até publicou. A parte que trata do Erico Verissimo foi publicada num livro⁵ que em 72 ele organizou sobre os 40 anos do Erico. Eu achei que poderia levar o trabalho avante como tese do Doutorado. Ela nasceu no curso de Literatura Brasileira da minha graduação. Se eu tivesse feito Mestrado em Porto Alegre, porque a outra alternativa era essa, eu teria feito esse trabalho como trabalho de Mestrado, ou enfim, com a dimensão de uma dissertação de Mestrado. Mas surgiu a oportunidade e eu levei para a Europa. Nos anos 70, havia uma

⁵ CHAVES, Flávio Loureiro. (org.) **O contador de histórias**: quarenta anos de Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1972.

simpatia, havia uma grande simpatia pela Literatura Brasileira, Hispano-americana, aquele famoso “boom” tinha começado no final dos anos 60. Então eu encontrei campo para poder fazer essa tese na Alemanha. Depois ela foi premiada no Brasil⁶, foi publicada⁷ e tal. Sobre o orientador: o Doutorado, eu comecei em 73 na Universidade de Heidelberg, na Alemanha, o semestre começou em abril, eu defendi a tese em novembro de 76. Eu não fiquei todo esse tempo na Alemanha, fiquei dois anos, depois voltei. Terminei de escrever no Brasil. Preparei a prova oral, porque na Alemanha o sistema é um pouco diferente: faz-se provas orais sobre outros temas. Depois que defendi em 76, comecei a trabalhar aqui na PUC em 77. O meu orientador foi o professor Arnold Rothe. Ele era o titular, decano eles chamam, de Literatura Românica. Trabalhava com Literatura Espanhola, Portuguesa, Italiana, enfim, as Românicas, a Francesa. A divisão era uma antiga divisão dos Estudos Lingüísticos que no Brasil teve até os anos 60. Ele era da área que no Brasil se chamaria Neo-Latinas, era um dos titulares dessa área.

Na sua opinião, o desenvolvimento da pós-graduação foi positivo para a sua carreira de pesquisadora e para a sua produção acadêmica como um todo?

Sim. Como eu falei há pouco, quando eu fiz Letras, quando fiz a graduação, não havia pós-graduação. Ela estava começando a se organizar na USP. A USP tinha um sistema um pouco diferenciado, quer dizer, a Federal de Minas Gerais também: as pessoas defendiam teses, não faziam curso. Com o tempo é que foi se adotando esse modelo, que é o modelo americano, no Brasil. Predomina essa influência americana. Tem países na Europa que até o hoje Doutorado é só escrever a tese. Na Inglaterra não é obrigatório fazer créditos. Mesmo na Alemanha, onde eu fiz, o número de créditos não é muito importante. Importante é realmente a elaboração do trabalho. Durante a graduação, não era uma coisa que estivesse no horizonte, em termos de curso, fazer uma pós-

⁶ Prêmio Brasília de Ensaio Literários, 1977.

⁷ ZILBERMAN, Regina. **Do mito ao romance**: tipologia da ficção brasileira contemporânea. Caxias do Sul: Ed. Univ., 1977. (Trabalho apresentado para obtenção do grau de Doutor em Filosofia, pela Universidade de Heidelberg em 1976.

graduação, mas sim ter uma titulação, não a titulação pela titulação, mas fazer quando encerrar a graduação e depois continuar produzindo trabalhos científicos. Isso que redundaria eventualmente em Doutorado. Esse é o horizonte da resposta, em função da tua pergunta. Bom, em função disso, sempre pensei, realmente, depois da graduação fazer um Doutorado. Surgiu essa oportunidade na Alemanha e eu fui e voltei. Quando eu voltei, a pós-graduação começava a se expandir no Brasil e na Região Sul. Não só a da USP estava mais organizada, também a Federal do Rio de Janeiro. No RS nós tínhamos dois programas de Mestrado ainda começando, já tinha algum tempo: o da UFRGS tinha uns 4 ou 5 anos, o da PUCRS talvez um pouquinho mais. Certamente um pouquinho mais, é anterior, mas também uma diferença de um ano ou dois. Eu fui convidada para trabalhar na PUCRS. Estou dando o meu exemplo para tentar responder à tua pergunta. Quando eu comecei a trabalhar na pós-graduação coincidiu com esse alce nos anos 70 e expandiu-se especialmente nos anos 80. Desde esse período a pesquisa e a pós-graduação passaram a se confundir. Até então, a pesquisa realmente ficava circunscrita a atividades específicas de alguns professores que atuavam na graduação. Mas não tinha, vamos dizer assim, essa conotação, essa dimensão de uma atividade: a pessoa fazia pesquisa, mas ela não se diria um pesquisador. Com a pós-graduação, essas duas coisas passaram a coincidir e me parece que no Brasil realmente até os anos 90, e agora há uma importante reversão, a pesquisa passou a se confundir com a pós-graduação.

De fato, do ponto de vista pessoal, houve essa coincidência. Tanto que eu terminei o Doutorado em novembro de 76 e em março de 77 eu já estava dando aula na pós-graduação. Quer dizer, uma Doutora novíssima. Hoje isso já nem é aceito, porque, como já está consolidado, espera-se que a pessoa tenha uma certa tradição de pesquisa, de produção, para poder atuar na pós-graduação. Mas naquele tempo, naquele momento, realmente estava levantando vôo esse tipo de formação em nível de pós-graduação e eu peguei o avião logo na saída. E acompanhei do ponto de vista pessoal e do ponto de vista, vamos dizer assim, profissional, como testemunha, mas também como membro disso, parte disso, dessa assimilação entre pós-graduação e pesquisa.

A sua geração foi uma das primeiras a sofrer o impacto positivo

dessa institucionalização da pós-graduação no Brasil, pois já havia passado por uma série de dificuldades no início. Como a senhora sentiu essa evolução?

Bom, deixa eu tentar colocar isso em termos históricos. Quando eu terminei... eu vou começar sempre tentando explicar a partir da minha experiência, talvez fique mais fácil.

Quando eu comecei a trabalhar em pós-graduação, as pessoas da minha geração estavam, no máximo, fazendo mestrado. Elas eram alunas da pós-graduação, por quê? Porque quando nós nos diplomávamos, começávamos a trabalhar na universidade ou não, ou íamos para o 1º e 2º grau. Quer dizer, não fazia diferença, em termos de titulação, se a pessoa ia para o primário, secundário ou terceiro grau. Depois, com a reforma⁸, houve uma pequena modificação, mas no fundo era isso. Então alguns alunos mais talentosos, ou amigos ou parentes dos docentes, os critérios de seleção eram os mais diferenciados possíveis, e eu fui para o 3º grau. Mas eles não tinham uma titulação diferenciada para poder dar aula lá na 5ª série do fundamental. Por isso, muita gente foi fazendo o mestrado e o doutorado já professores, dando aula. A minha geração pode ter se beneficiado disso, mas ainda como usuária. Hoje é diferente. Hoje a maior parte dos concursos exige, por exemplo universidades, exige que a pessoa tenha, no mínimo, mestrado e de preferência o doutorado. Pessoa que está recém formada, tem só graduação, ela, no máximo, vai fazer um concurso no serviço público, quer dizer, vai ser concursado da Secretaria de Educação. Até os colégios particulares já pedem um professor mais qualificado, ou seja, com especialização ou mestrado, para dar aula, por exemplo, no 2º grau. E, só com o mestrado, às vezes tu não consegues nem trabalhar numa universidade, eventualmente numa faculdade isolada, ou uma coisa assim, mas numa grande universidade, exige-se já o doutorado. Nesse aspecto vê-se, realmente, uma diferença de gerações. A geração a que eu pertencço, entrou na universidade menos bem qualificada, menos bem titulada pelo menos, e até mais nova, porque, às vezes, o professor, formava-se e ia dar aula com vinte e poucos anos, 21, 22. Hoje, isso é impossível. Como tu tens que fazer toda essa formação, a pessoa vai dar aula, ela começa a dar aula com 30 anos. Eu tenho alunos que com 35 ainda são bolsistas, nunca estiveram numa sala

⁸ Reforma resultante da lei 5692/71.

de aula. Isso tem como consequência uma certa infantilização. A pessoa vai prorrogando aquele estado de estudante até os 30 anos. Por outro lado, quando ela vai dar aula, ela tem um currículo e uma formação muito mais completa. Eu queria discutir um pouco essa idéia de que nós fomos tão beneficiados, tinha uma formulação assim... Na realidade, a minha situação é um pouco diferenciada, porque eu comecei a dar aula doutora, mas os meus colegas todos, nem eram doutores e já davam aula. Às vezes não eram nem mestres. Tenho vários colegas que fizeram concurso, vários excolegas, que começaram a dar aula recém formados, ou um ano ou dois depois. Só então é que foram fazer os mestrados e, enfim, o doutorado. Até porque, como eu disse, aqui no Rio Grande do Sul nós nem tínhamos, e muita gente que foi para o exterior nunca voltou.

Poderíamos falar um pouco mais de sua produção acadêmica? Qual o seu primeiro trabalho publicado e qual o último? Como a senhora explicaria esse percurso?

Mais recente, não o último...

Mais recente, desculpe-me.

Eu comecei a publicar, vamos pensar em livro, capítulo de livro e periódicos, não resenha em jornal, porque fica difícil, às vezes é uma coisa meio dispersa, não é? Eu colocaria a pedra fundamental no ensaio que saiu no livro que o Flávio Loureiro Chaves organizou sobre Erico Veríssimo. Eu vinha estudando "O Continente" e ele estava organizando uma obra em homenagem ao Erico. Ele me convidou, um livro⁹ que tem Antonio Candido, tem Fábio Lucas, Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), Otto Maria Carpeaux e tem a Regina Zilberman que na época tinha 25 anos. Foi uma coisa muito importante e, para mim, foi muito importante. Na mesma época, nós tínhamos um grupo de estudo. Digo nós, porque era o Luiz Artur Nunes, a Maria da Glória Bordini, a Ana Marisa Filipouski, que depois foi lecionar na Federal, e eu. Nós tínhamos um grupo, trabalhávamos com Simões Lopes Neto. Nós reunimos os textos do grupo e publicamos um livro, que saiu em 73, sobre o Simões Lopes Neto. Um livro que eu acho que tem muita importância dentro da fortuna crítica do autor. Quer dizer, um livro que representou

⁹ Op. Cit. p. 7.

naquele momento uma passagem dos estudos, vamos dizer assim, menos acadêmicos sobre Simões Lopes Neto, para uma legitimação dentro da universidade. Não que ele dependesse de nós, pelo contrário, tinha sido estudado pela Lúcia Miguel Pereira, pelo Augusto Meyer, etc, mas é uma crítica de jornal. Nós trouxemos essa crítica para dentro da universidade. Então é esse o papel importante. Esses foram os textos, vamos chamar assim fundadores, para usar um termo da moda. No ano passado saíram dois livros que eu acho que correspondem a coisas mais recentes - sempre há coisas que tu escreveste há três anos atrás e é publicado agora - vamos chamar "O preço da leitura", que eu fiz junto com a Marisa Lajolo, e outro, "Fim do livro? Fim do Leitor?" que saíram pelo SENAI. Eu acho que isso tem a ver com questões atuais, de leitura, e sobretudo do que nós chamamos de materialidade da comunicação: tentar pensar a Literatura dentro da sua condição material, vinculada aos meios de produção e não apenas o texto como elemento, vamos dizer assim, atemporal, anacrônico e idealizado. Bom, se eu colocar esse início e esse fim parece que houve uma grande alteração. Eu acho que, se eu tivesse, se eu fizesse uma auto-análise, uma avaliação disso tudo, eu diria assim: algumas questões permaneceram importantes para mim e permanecem importantes até hoje. Por exemplo, Erico Verissimo e a Literatura do Rio Grande do Sul, pensar o lugar de uma literatura periférica, dessa literatura nacional; a questão do regional, do nacional, isso se mantêm. E eu acho que isso tem a ver com o trabalho que fazemos no Rio Grande do Sul, na pós-graduação, orientação de alunos e publicações. Então, essas questões permanecem. O que mudou? Quando se fez esses trabalhos sobre o Erico, sobre o Simões, nós estávamos, eu, mas também nosso grupo, muito impressionado pelo Formalismo Russo e pelo Estruturalismo, aquilo no início dos anos 70 era muito forte. Eu participei da tradução dos formalistas russos. Saiu uma publicação da Globo, feita sob a regência, o taco do Dionísio¹⁰. E aquilo foi muito forte, eu acho que foi importante naquele momento, mas hoje eu não faria mais isso. Quer dizer, eu fiz, tanta gente fez, quem não foi estruturalista nos anos 70? Mas vamos pensando outras coisas, lendo outras coisas e vamos mudando. Do ponto de vista teórico, eu

¹⁰ TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). **Teoria da Literatura: formalistas russos/ Eikhenbaun... et al.** Porto Alegre: Globo, 1971.

acho que me interessa mais hoje são questões ligadas à leitura. Não só a leitura do ponto de vista da recepção, mas também das condições de produção de leitura, quer dizer, em que medida a sociedade produz instrumentos para leitura. Esses instrumentos são categorizados de formas diferentes, são canonizados uns, criminalizados outros e como é que isso interfere no sistema econômico inclusive. Acho que então, pensá-los do ponto de vista teórico, é bastante diferente... Não acho que seja oposto, nem entre em contradição, porque acabamos estabelecendo, vamos dizer assim, alguns critérios pessoais de investigação de textos da literatura. Não viramos outra pessoa, a não ser que não tenhamos sido autênticos quando fizemos uma coisa ou outra. Quer dizer: agora eu vou ser isso, agora eu vou tentar ser aquilo, não, somos o que somos. Essas coisas vão ficando, não é? Mas, à medida que tu vais lendo outros autores, tu vais te voltando a outras questões, vai tendo outros interesses. Resumindo, que eu estou fazendo curta uma longa história, eu acho que tem coisas que estão no início e interessam até hoje. Montei recentemente um projeto para o CNPq em que um dos temas é o "Tempo e o Vento" do Erico Verissimo. Quer dizer, é uma coisa que está no início e está hoje. Não apenas o Erico, enquanto membro da Literatura Rio-grandense, mas porque hoje o tema da memória, o tema da história está muito presente, então está ali acompanhando. E de outro lado, principalmente em termos teóricos, de embasamento teórico, eu acho que, bom, posso não ter mudado, mas me preocupam hoje questões diferentes. Espero que daqui a 10 anos, outras ainda me preocupem.

A senhora considera seus trabalhos, de um modo geral mais tributários de que pensamento, de que corrente literária, de quais autores?

Eu acho que tu estás perguntando assim: em que consiste a "caixinha de entrada", a minha caixinha. Seria talvez, mais próximo, a Estética da Recepção, mas se eu quiser ser mais genérica, menos específica, seriam, as teorias materialistas da leitura. Talvez as questões mais das práticas da leitura. Então da Estética da Recepção às Teorias Sociológicas da Leitura, com alguma coisa dos franceses, sobretudo dos norte-americanos.

De que maneira esses autores afetaram a sua compreensão e

produção dos estudos literários que a senhora tem realizado?

Vamos dizer assim, como eu falei, nos anos 70, talvez um dos autores mais fortes foram os narrativistas franceses: Bremond, Todorov, Roland Barthes, aquele grupo. Nos anos 80, eu diria, dentro da Estética da Recepção, o Jauss, o Iser, mas também Bakhtin. Eu acho que Bakhtin foi um autor, no início dos anos 80, em meados dos anos 70, bastante lido e um autor que é difícil tu leres, sem que fiques marcado por ele. É uma coisa que impacta muito. Há outros que impactaram outras pessoas e não me impactaram: Lacan, Derrida, dessa linha francesa, esses não me impressionaram, mas Bakhtin sim. Recentemente eu acho muito interessante investigações, um pouco mais adiante, para determinar uma ordem cronológica eu acho que tem coisas interessantes em autores norte-americanos e europeus que estão pensando a questão da leitura desde a perspectiva da autoria Isso eu procurei compreender nesse último texto “O preço da Leitura”, no qual está presente Martha Woodmansee, por exemplo. Eu teria que verificar os nomes, mas é mais nessa linha.

Boa parte de sua produção é feita em parceria com a Profa. Marisa Lajolo, a senhora poderia nos contar um pouco dessa história, desse produzir a quatro mãos?

E já são 20 anos de história: na última reunião da Anpoll, o professor Jobim da UERJ organizou uma mesa para discutir o livro “O preço da Leitura” com a nossa presença, a Marisa e eu, quando fizemos um pouco desse retrospecto. Nós trabalhamos juntas há 20 anos. Temos cinco livros em cooperação, feitos juntos, fora outros livros dos quais participamos também, mas feito a quatro mãos e dois computadores são 20 anos. Então, originalmente, estávamos interessadas... interessante porque nessa ocasião eu tive que repensar a nossa trajetória e eu vou dizer um pouco dela agora, e vou tentar ser mais breve. Interessante porque nós começamos a trabalhar com Literatura Infantil, História da Literatura Infantil, mas a nossa preocupação não era tanto a Literatura Infantil, mas sim usar a Literatura Infantil para pensar a modernidade da Literatura Brasileira: em que medida a Literatura Infantil, na perspectiva da sua marginalidade, iluminava aspectos materiais, ou aspectos concretos, experimentados pela Literatura. Quer dizer, ao invés de fazer uma História da Literatura que seria uma História de autores, grandes nomes, tentamos ver na perspectiva do lado de fora e ver em que

medida o sistema da Literatura se reproduz no sistema da Literatura Infantil e em que medida essa Literatura Infantil ilumina o lado menos nobre da literatura: escreve-se para ganhar dinheiro? Escreve-se para ter público? Para tanto, a Literatura Infantil, mas isso está presente em toda literatura. Sempre procuramos, e isso eu acho que tem sido a tônica do trabalho feito junto, nesses discursos sobre Literatura infantil, de que saíram dois livros, e hoje, no discurso sobre história da leitura, que saíram três livros, tentar ver o dentro com o olhar de fora. Quer dizer, não reproduzir o sistema como parte dele, mas ver da margem para o centro. E mostrar que aquele centro assim o é porque ele se auto-intitula centro, que, na realidade, ele vai ser um outra margem, ou uma margem que não quer assumir a sua identidade marginal. Isso quanto ao teor desses estudos que temos feito.

Trabalhar, vamos dizer assim, a dois, é muito interessante pelo seguinte: em geral, brincamos que nós usamos o método da engenharia dos chineses, porque os chineses, quando constróem, botam um grupo de um lado da montanha e outro grupo do outro lado. Se eles se encontrarem no meio, eles têm um túnel, se eles não se encontrarem eles têm dois túneis. É assim mais ou menos que nós trabalhamos. Eu começo numa ponta, ela começa noutra e nós temos que dar num túnel só, não é? Então vamos ajustando. Uma ajusta o que a outra fez - até chegar a uma homogeneização do texto. Isso é interessante porque supõe duas atitudes que nós, os letrados, os letrados não os professores ou os intelectuais, mas os letrados têm muita dificuldade de aceitar: primeiro, é que achamos que o nosso texto é “imexível”, para usar o termo do ex-ministro¹¹ que agora quer voltar. Então tu tens que te submeter à avaliação do outro e o outro tem toda liberdade de mexer no teu texto. Isso é uma coisa que começamos a aprender com os orientandos, porque interferimos no texto deles. Mas o orientando é o autor daquele texto, pode interferir. Quando tu não tens orientador, nem tu és orientando, a coisa é de igual para igual. Tu tens que ter total liberdade e permeabilidade. Isso é muito bom, porque não sacralizamos o próprio texto. Um segundo aspecto, é que nós temos pelo menos um leitor, que é o outro. Tu garantas que aquela pessoa vai te ler, vai realmente acompanhar o teu trabalho. E o que é

¹¹ Referência ao ex-Ministro do Trabalho do ex-Presidente Fernando Collor de Mello, Rogério Magri.

interessante é o seguinte: quando se tem que trabalhar sozinho é que fica difícil, porque tu sentes a falta daquele interlocutor. Mas é isso.

Atualmente, qual a pesquisa que a senhora está desenvolvendo? E como a senhora percebe a relação entre o seu trabalho de pesquisa e as disciplinas que ministra na pós-graduação?

Bom, nós, aqui também vou falar no plural, nós estávamos concluindo um projeto chamado "Fontes da Literatura Brasileira". Um projeto integrado de que participam as professoras Maria Luiza Remédios, Maria Eunice Moreira, Maria da Glória Bordini e eu. Esse projeto, que está em fase de conclusão, tem a ver sobretudo com fontes primárias, tratamento de fontes primárias. A partir dele saem trabalhos com acervos, bancos de textos e a minha parte tem muito a ver com a leitura. Quer dizer, em que medida os textos produzidos pelos autores, eles, vamos dizer assim, servem de objeto de leitura para terceiros. Eles se convertem assim em fontes primárias para terceiros; ou em que medida também, nesse ponto eu trabalhei principalmente com Machado de Assis, o autor vai incorporar à sua produção, trabalhos, o seu próprio trabalho: ele como leitor dele mesmo e revisor do seu texto, não é? Nessa medida, por exemplo, a primeira edição de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" serve como fonte primária em relação à edição final do livro. Esse trabalho, que estamos fechando aparece em vários cursos que eu dei sobre Teoria da Literatura. Nós estamos começando agora uma segunda etapa, quer dizer, um outro projeto integrado que se chama "A Constituição do Campo Literário", em que estou trabalhando sobretudo com essa noção de emancipação do autor: o autor como elemento mais ou menos síntese de produção literária, como é que isso vai se dando e como é que isso vai aparecendo dentro da Literatura. Um viés subsidiário desse projeto tem a ver com a questão da memória. Essa constituição do autor tem um lado social, vamos dizer assim, um lado institucional, mas também tem um lado, vamos dizer: de onde o autor retira as suas sugestões? Como é que é a questão da experiência do escritor. Então lida especialmente com a memória. Esse ano, por exemplo, eu dei um curso sobre esse tema (a questão de fontes primárias): "As Fontes Primárias e a Memória da Literatura: a memória social e a memória individual". Em resumo, para responder à tua pergunta, eu tenho procurado

realmente sempre associar as duas coisas. Às vezes a pesquisa inspira o curso, às vezes o curso seguidamente subsidia a pesquisa. Porque vamos discutindo as idéias. Tudo que tu pesquisas, tu trazes para sala de aula, discute com os alunos, repensa questões. Eu acho que isso é extremamente produtivo e tem reflexo inclusive nas dissertações e teses dos alunos. Têm aparecido várias questões, às vezes não teses orientadas por mim, teses que outros estão orientando.

Como a senhora resumiria o seu trabalho de docência e pesquisa na PUCRS? Com que olhar a senhora avalia o seu papel no desenvolvimento dos estudos literários no Brasil? No Brasil ou na PUCRS?

Como a senhora avalia o seu papel no desenvolvimento dos estudos literários, dos estudos da pós-graduação no Brasil?

Bom, eu não falaria em primeira pessoa, mas acho que a PUCRS tem um papel importante nos estudos literários do RS. Porque nós formamos não só os meus orientandos. Não tenho bem idéia de quantos orientandos de mestrado e doutorado eu já tenho, mas eu já formei acho que uns trinta doutores, pelo menos, talvez até mais. Eu teria que olhar no Currículo Lattes, pois ele é que contabiliza isso. E esses professores, uma boa parte desses doutores, independentemente dos mestres, porque alguns desses doutores eu fiz também mestres, então, às vezes conta em dobro. Quase todos esses doutores são professores em universidades e formaram outros doutores. E muitos desses doutores são hoje formadores de mestres e de doutores. Tu disseste que é orientanda do Pedro¹², pois é, o Pedro foi orientando de Mestrado da Maria Eunice¹³ e de Doutorado da Maria Luiza¹⁴ e as duas foram minhas orientandas. Então é nesse sentido que eu vejo. De certa maneira, a tua pós-graduação está vinculada ao meu trabalho, porque formamos professores, mas esses professores já são formadores e os formados por eles já são também formadores. Nós vamos formando, vamos estabelecendo essa cadeia e eu acho que isso tem importância pelo menos para o RS. Quer dizer, hoje o trabalho que

¹² Prof. Dr. Pedro Brum Santos (UFSM).

¹³ Profa. Dr. Maria Eunice Moreira (PUCRS).

¹⁴ Profa. Dr. Maria Luiza Ritzel Remédios (PUCRS).

fizemos na Lingüística, por isso que eu estou dizendo que não é uma coisa minha é do curso, tem um impacto muito bom no curso de Lingüística da Federal, porque boa parte dos professores da Federal do RS, que atuam lá na pós-graduação fizeram doutorado conosco na PUCRS. É claro que tem o contrário, os nossos professores podem fazer na UFRGS, podem fazer em Santa Maria, quer dizer, a existência desse sistema de pós-graduação fica garantida porque nós estamos fornecendo doutores, que, por sua vez, fornecem outros, que formam os nossos também, não é? E se estabelece uma rede que eu acho que tem sido muito boa, tem crescido cada vez mais. Quando eu comecei a trabalhar aqui em 77, não existia o nosso curso de mestrado e o mestrado da UFRGS. Hoje há mestrado. Em POA tem o da UFRGS, da PUCRS, ainda a UNISINOS, tem Caxias, a UFSM tem mestrado. Tem mestrado, todos na área de Letras, em Pelotas, Passo Fundo está pensando em fazer mestrado. Isso vai se fortalecendo, e dando muita autonomia e independência ao sistema do RS. Claro que não depende só disso. Depende também de ter uma agência como a FAPERGS, que é muito importante, de os professores daqui pedirem subsídios de agências federais, intercâmbio com outros países, às vezes, até porque fizeram sua formação no exterior e assim por diante. Mas nós temos a nossa fatia de responsabilidade. E hoje é nesses temos que eu colocaria. Em termos nacionais eu não sei. Eu acho que das coisas que eu escrevi, as que tiveram maior repercussão foram no campo da Literatura Infantil, foram os trabalhos que eu fiz nos anos 80: "Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação"¹⁵, esse com a Marisa Lajolo, "História e Histórias: a Literatura Infantil na Escola"¹⁶, hoje são textos, hoje já nem tanto...

Foi um trabalho pioneiro...

É, foi um trabalho pioneiro e teve, em seguida, nos anos 80 e meados de 90, muita aceitação pelo pessoal que fez dissertação e teses na área. Hoje eu acho que já tem um monte de outras coisas publicadas, então ele se diluiu. Eu acho que isso é o que tem mais importância nacional. Talvez, daqui a uns cinco ou dez anos, se o

¹⁵ ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1987.

¹⁶ LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil Brasileira: história & histórias**. 5. Ed. São Paulo: Ática, 1991.

trabalho que a Marisa Lajolo e eu fizemos sobre leitura e história da leitura tiver importância, poderemos avaliar daqui a uns cinco anos. Porque demora um tempo a assimilação, mas aquele eu acho que foi importante e eu vejo seguidamente citado, não tanto nos últimos anos, mas no final dos anos 80, início dos anos 90 com muita frequência.

E sobre os seus anos de PUCRS...

Olha eu estou comemorando 25 anos de PUCRS. Acho que a essas alturas, a minha atividade docente está muito vinculada à PUCRS. Eu trabalhei antes, quando comecei, no ensino secundário, depois dei aula na FAPA, já trabalhei no exterior um pouco. Mas recentemente o meu espaço de trabalho é aqui. Eu acho que temos conseguido fazer um grupo atuante. O nosso grupo tem, vamos dizer assim, uma identidade em relação ao tipo de pesquisa que faz. Esse trabalho com acervos, fontes primárias é uma coisa que tem nos caracterizado. Outro trabalho que confere identidade ao que nós estamos fazendo, e eu gosto de falar aqui no plural, porque sozinha nós não fazemos nada mesmo, tem a ver com leitura, literatura infantil, ensino da literatura e formação de leitores. Quer dizer, um trabalho que também marca o que se fez aqui, com alguma repercussão fora, isso no campo da Literatura. Então eu acho que estamos cumprindo o nosso papel, não é?

E finalmente professora, perspectivas de futuro...

Para quem? Para mim?

Para a senhora.

Bom, como eu te disse, eu espero que daqui a 10 anos eu possa estar te respondendo (risos) essas perguntas, dizendo: bom, hoje eu não faço mais isso, faço mais aquilo, não é? Eu espero ainda ter uns 10 anos de atividade docente, de pesquisa, sem dúvida. Estou com 54 anos, e antes dos 65 eu não posso me aposentar, tenho mais é que seguir em frente.

PUBLICAÇÕES DA AUTORA

Livros

João Simões Lopes Neto: A invenção, o mito e a mentira (1973);
São Bernardo e os processos da comunicação (1975);
Do mito ao romance: tipologia da ficção brasileira contemporânea (1977);
A literatura no Rio Grande do Sul (1980);
A literatura infantil na escola (1981);
Literatura infantil: autoritarismo e emancipação (1982);
Literatura infantil brasileira: história & histórias (1984);
Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e poesia do Rio Grande do Sul (1985);
Um Brasil para crianças (1986);
Leitura: perspectivas interdisciplinares (1988);
A leitura e o ensino da literatura (1988);
Estética da Recepção e História da Literatura (1989);
Literatura e pedagogia: ponto & contraponto (1990);
A leitura rarefeita (1991);
Roteiro de uma literatura singular (1992);
A terra em que nasceste: Imagens do Brasil na literatura (1994);
A formação da leitura no Brasil (1996);
O berço do cânone (1998);
Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul (1999);
Fim do livro, fim da leitura? (2001);
O preço da leitura (2001).

Antologias organizadas

Os melhores contos de 1974 (1975);
Masculino, feminino, neutro: ensaios de semiótica narrativa (1976);
O signo teatral (1977);
Linguagem e motivação (1977);
O Partenon Literário: poesia e prosa (1980);
Mário Quintana (1982);
Os melhores contos de Moacyr Scliar (1984);
Geração 80 (1984);
Mel & girrasóis (1988).